

- 2 NOV 1994

ROMEU CHAP CHAP

ESTADO DE SÃO PAULO

Cardoso, Fernando

Henrique

Responsabilidade extrapolada

Stephen Kanitz, o renomado consultor em administração, disse que, "não são os grandes planos que dão certo, mas os pequenos detalhes". O governo de Fernando Henrique Cardoso não irá iniciar um novo ciclo da vida brasileira. Esse ciclo já foi iniciado com a revolução do pensamento de nossa sociedade.

Basta verificar que — mais que à personalidade do novo presidente — sua eleição se deve à confiança e à expectativa que seu plano econômico impôs a nossa decisão. Basta também idealizar qual seria a tônica de sua pregação de campanha, se não houvessem o plano e seu compromisso de consolidá-lo no decorrer do tempo. E de se perder no curso da política nacional, a existência de uma eleição conquistada menos pelo homem e mais pelo compromisso assumido.

E ainda: no compromisso de manutenção e de otimização de um programa econômico, cujos primeiros frutos foram suficientes para que o eleitorado se unisse ao candidato, dando-lhe uma procuração de amplos poderes para conduzir a Nação.

Ao receber esse mandato o presidente eleito, por outro lado, deve a sua responsabilidade extrapolada. Ele não é um presidente simplesmente eleito numa



Não podemos esperar milagres de FHC, mas bom senso e competência

disputa convencional. Por isso não se pode esquecer de que se tornou um devedor da confiança da Nação.

O sentido dessa responsabilidade — assumida com tanta ênfase — deve caracterizar a tônica de seu governo. Talvez não tenha havido em nossa história política a condução de um mandatário nacional com carga tão pesada.

A característica dessa carga, representada pela vontade absoluta do leitorado brasileiro, nos leva, por consequência, à expectativa de um governo produtivo. Não podemos, porém, estabelecer prazos para o cumprimento de metas, para plena ordenação de nossa economia nem para o pagamento imediato de nossa dívida social.

Esperamos, isto sim, a implementação de medidas sérias, planejadas e factíveis, tomadas dentro de um cronograma adequado, determinado e com a flexibilidade necessária às adaptações naturais que se fizerem necessárias. Não devemos contrariar a natureza, que nos ensina que nada acontecer por encanto.

Não podemos esperar milagres, mas, sim, bom senso, competência, coragem e vontade política inabalável. Governo e povo devem ter paciência, noção correta das dificuldades a superar e unirem-

se nesse jogo de xadrez, representado pela necessidade de reerguimento da vida econômica e social de nosso país.

A expressão da vontade de nosso povo compromete também o Congresso Nacional, que não pode faltar ao seu dever cívico nem desconhecer os anseios de nossa sociedade. O acompanhamento dos procedimentos de nossos parlamentares e do governo como um todo deve ser praticado com rigor e isenção pelos meios de comunicação, pelos órgãos representativos da sociedade e pelos

próprios cidadãos, numa conjugação de ações que visem exclusivamente o bem-estar nacional.

Voltando à citação inicial deste pronunciamento, não devemos exigir grandes planos. Devemos fazer do conjunto de "importantes-pequenas" coisas o grande projeto nacional.

O prazo para tanto é o que será.

■ *Romeu Chap Chap é presidente para as Américas da Federação Internacional das Profissões Imobiliárias (Fiabi) e vice-presidente da Associação Brasileira de Shopping Centers (Abrasco)*

